

A narrativa da *Shoah* através do Museu de História do Holocausto

POR: Jougi Yanashita

“Não foi uma massa de 6 milhões que perderam a vida. Foram 6 milhões de vidas únicas, peculiares.”

A eles darei, em minha casa e em meus muros, um monumento e um nome, melhor que filhos e filhas. Um nome eterno, que jamais será eliminado (Isaías 56:5)

Cada nação moderna, cujos membros povoam o mundo contemporâneo, possui traços característicos que as tornam únicas. Fatos, eventos, geografia, clima, língua, moeda, enfim, inúmeros elementos combinados fazem com que se consiga delimitar os Estados nacionais – mesmo que isso seja um ideal, no limite, abstrato, uma vez que é sempre proveniente de uma construção. Nesse sentido, demarcar uma nação a partir de sua história – sem par – torna-se um elemento fundamental.

Nota-se, invariavelmente, que a herança material de uma nação se propaga ao longo do tempo, dando suporte ao imaterial que acaba formando o “ser nacional”. Supõe-se, por exemplo, que franceses tenham orgulho da Torre Eiffel, que mexicanos preservem os monumentos astecas e maias e que russos conheçam o Kremlin de Moscou. Essa herança material vai sendo preservada, mas também construída e ressignificada ao longo do tempo e de acordo com interesses políticos dos governos que lideram esses Estados. Assim foi com a citada Torre Eiffel que, de construção temporária, transformou-se em símbolo nacional.

Israel, uma unidade nacional “nova”, não está à parte dessa situação. Diversos elementos, ao longo das sendas que compõem o espaço do país, constroem com muita eficiência a ideia de que os membros nacionais compartilham de um passado comum. Construções, monumentos e símbolos que dão a Israel “a cara de Israel”.

Uma das marcas do país é a sua ligação direta com a *Shoah*. O evento, considerado indizível, inenarrável, incomparável, precisa necessariamente ser representado em território nacional. Um desafio imenso, ao qual não se pode escapar.

O *Yad Vashem* (“um memorial e um nome”) aparece como um lugar à altura do desafio. O enorme complexo – cujas origens remontam a 1942, com sua fundação ocorrendo em 1953 – comporta diversos espaços, como memoriais, arquivos, obras de arte,

um desenvolvido centro educacional, dedicados ao estudo e à divulgação desse evento tão marcante. Dentre os espaços, o Museu de História do Holocausto certamente é um dos mais marcantes e bem-sucedidos no esforço de propagar a memória da perseguição aos judeus ao longo das décadas de 1930-40.

Passando pela “Avenida dos Justos das Nações do Mundo” – uma avenida com árvores plantadas em homenagem a muitos não-judeus que ajudaram que judeus escapassem dos nazistas –, chega-se ao museu, aberto em 2005. Ali, o visitante presencia uma narrativa da história da *Shoah* contada de maneira clara e eficiente.

O primeiro impacto ao entrar se dá por conta do corredor principal, que liga as dez salas de exposição. Ele possui a forma de um prisma triangular. Pode-se observar claramente que o piso não é plano. Se pudesse percorrer o corredor em linha reta, o visitante perceberia que até a sua metade está descendo, e, depois dela, subindo. Isso pode ser a representação da narrativa que se apresenta por meios dos objetos e documentos, e que pode ser dividida em três atos: um primeiro momento declinante, com o início da perseguição e da matança; a parte mais baixa, o “fundo do poço”, seria a Solução Final; e o término redentor, a ascensão, mostrando a resistência, a sobrevivência e a criação do Estado de Israel.

E por que não se pode andar em linha reta ao longo desse corredor? O caminho possível é entrar e sair de cada uma das salas de exposição, observando ao longo dele alguns objetos e vídeos que marcam a transição temática entre as salas. Uma forma instigante de mostrar que a história da *Shoah* é feita através de caminhos tortuosos. Outra possibilidade interpretativa: o visitante é levado a pensar que não se pode seguir adiante sem refletir sobre o evento. Seria o tabu a ser vencido pela humanidade.

Que se visite, então, as salas.

Antes de entrar na sala, o espectador passa por uma pequena galeria de fotos e documentos de vítimas dos campos. É um primeiro aviso de que ao longo do caminho serão testemunhados – *a posteriori* – o fim de milhões de vidas.

Ato 1. O impacto das primeiras salas é garantido pela percepção de toda a tensão que envolvia a propaganda antissemita. Inicialmente, o espectador observa bandeiras e uniformes nazistas, bem como alguns jogos de tabuleiro infantis cujos objetivos eram expulsar os judeus da pátria ou levá-los ao inferno. Podiam-se observar também muitos objetos domésticos – saleiros, açucareiros, bandejas, copos, entre outros – com

representações dos judeus como porcos ou demônios. Nessa mesma sala, uma experiência sensorial interessante: ao seguir pelo caminho para a outra sala, uma curva à esquerda... e aparecem cartazes de propaganda pendurados, como se estivessem sendo jogados aos visitantes, mostrando que todo aquele discurso tinha um forte impacto na Europa pré-guerra.

Em seguida, observa-se uma área chamada “A luta pela sobrevivência”. Nela são apresentados fotos e vídeos que retratam toda a humilhação vivenciada pelos judeus. Risos, zombarias, maus tratos, nas cidades e nos guetos que começavam a ser formados. Nesse panorama, ocorre o retorno ao corredor principal.

Ato 2. A matança. A maioria dos visitantes fixa o olhar numa foto emblemática, muito conhecida: um soldado dispara contra uma mulher que tentava proteger seu filho dele e, por isso, corria com a criança no colo. Ao redor da fotografia, muitas outras, apresentando os experimentos médicos, fuzilamentos, montes de corpos jogados em valas comuns. Era o início do processo, o transporte para os campos de trabalho, mas muitas vidas já estavam sendo ceifadas.

Apresentam-se os campos, com todas as suas especificidades, a partir de maquetes e fotos. Documentos e objetos dos judeus que foram recuperados são expostos. Nota-se que, em meio a todo o caos, buscava-se viver, levar adiante a existência.

Em seguida, são mostrados os homens responsáveis por tudo aquilo. Cópias de documentos importantes mostram que a Solução Final estava sendo discutida com muita seriedade. Aqui, a exposição ganha em interatividade: abaixo de cada foto de oficiais nazistas, é possível puxar uma caixa e ler uma pequena biografia daqueles indivíduos.

Ato 3. A resistência. Podem-se ler as histórias heroicas dos “justos” de diversas nacionalidades. Judeus rebeldes buscaram se organizar para, se não o caso de desestruturar alguns espaços nazistas, ao menos fugir dos campos. É claro que houve retaliações por parte dos nazistas. Após observar algumas armas utilizadas pelos resistentes, o espectador é levado a uma sala que remonta ao ato anterior, e relembra que, em meio a todo o esforço pela liberdade, milhares eram mortos diariamente. Vê-se uma maquete de um campo, mostrando os fornos e câmaras de gás, além de latas de Zyklon B, ao lado de centenas de sapatos encontrados em um dos campos. Aqui, outro choque sensorial: pode-se ficar em cima do vidro que protege aqueles sapatos que pertenceram, certamente, a homens e mulheres que foram assassinados.

A narrativa vai chegando ao fim. Nas últimas salas, vê-se que alguns conseguiram sobreviver. Obviamente, suas trajetórias estariam marcadas para sempre. Mas era necessário seguir em frente. Ainda impactado pelas latas de gás e pelos calçados daqueles que foram mortos, o espectador passa mais uma vez pelo corredor principal e encontra um espaço dedicado a mostrar a volta para casa de muitas pessoas. Alguns tentaram nova vida em outros lugares. Esforço imenso de reconstrução, em meio a uma sensação de perda enorme.

As duas últimas salas que fecham a narrativa merecem destaque. Na penúltima, uma sala redonda, o “hall dos nomes”. No meio, um poço. Ao olhar para o alto, o visitante pode ver milhares de fotos das vítimas. Alguns espaços estão desocupados. Percebe-se, então, que o esforço de catalogar todos os nomes – para que sua memória seja honrada – está longe do fim. A última, enfim, apresenta mensagens de sobreviventes e vítimas dos campos. São mensagens que mostram ao espectador que, ao longo de todo o processo, a esperança ainda reinava em alguns corações.

Ao fim da visita, parece ficar claro que a intenção da curadoria é levar as pessoas à seguinte reflexão: não foi uma massa de 6 milhões que perdeu a vida. Foram 6 milhões de vidas únicas, peculiares. E, talvez, uma das funções do Estado de Israel seja a de lembrar cada uma delas, através de um memorial e um nome, *Yad Vashem*.